

Mariza Peirano: Professora Emérita

Boa tarde!

Eu gostaria de cumprimentar a professora Márcia Abrahão Moura, reitora da Universidade de Brasília, os demais membros desta mesa virtual, aqueles que acompanham a cerimônia e, em especial, nossa homenageada, a professora Mariza Gomes e Souza Peirano. Sinto-me profundamente honrada pela oportunidade fazer esta saudação, não só em meu nome, como também em nome dos colegas do Departamento de Antropologia, no qual Mariza aposentou-se como professora titular após 29 anos de docência, e que hoje tem o privilégio de recebê-la como pesquisadora associada.

Essa é uma ocasião ímpar de celebração de uma vida de trabalho dedicada ao conhecimento e à sua transmissão, e nesse tempo de tantas formas inquietante, o encontro que nos reúne é um alento. Muito em sua forma é anômalo, a começar pelos elementos de mediação que o propiciam e despojam parte do aparato que o momento exige. Mas sua qualidade, simultaneamente solene e festiva, não deve ser apagada ou esquecida. A visível excepcionalidade da situação não ilude os estudiosos do ritual, como nossa laureada. O cenário, ou melhor, os cenários e as circunstâncias da cerimônia dão visibilidade à fragmentação, em uma ordem social que esvazia o público e quer tudo privatizar e individualizar para melhor exercer controle controle – controle sobre o trabalho, o lazer, a sociabilidade, a vida, os seus fins e o seu

termo. Mas se esta situação rouba o elã vital que só a presença sensível dos corpos proporciona e a copresença virtual jamais substitui, mais sobressai o poder da palavra assim como do gesto, na ação ritual, como na resistência à tirania. Historicamente, entre nós as celebrações tem vestido gesto e palavra de movimento, cores, sons, ritmos e riso subversivos porque festejam a potência criativa e renovadora da vida. É também o que fazemos nesta celebração.

Portanto, aqui estamos, separados, mas ainda assim reunidos em encontro que sela o reconhecimento público desta Universidade à trajetória e aos méritos acadêmicos, talento e maestria de Mariza Peirano. Longe de mim a pretensão à tarefa impossível de fazer justiça, em poucos minutos, a tantos anos de dedicação à universidade e à antropologia. Esboçarei apenas algumas linhas de força de sua obra que, por ser inspiradora e guia de novas pesquisas, a excedem e transbordam.

Do interesse pelos fundamentos sociais do conhecimento antropológico enquanto sistema de conhecimento e representação da sociedade, e como desdobramento de uma antropologia dos saberes contemporâneos da disciplina e da configuração nacional que estrutura o mundo moderno, emerge uma potente visão da antropologia, consolidada pela perspectiva comparada e,

por isso mesmo, emancipada e emancipadora do espectro da colonização que ronda nossa vida intelectual.

Avesso aos modismos intelectuais e aos rótulos e definições fechadas, o pensamento de Mariza constrói sua crítica a partir de refinado esforço reflexivo sobre os modos de constituição da antropologia como um conhecimento com ancoragem empírica e contextual, mas norteado por ambição universalista, compreendida como universalismos plurais. Entendida como empreendimento “artesanal, interpretativo e microscópico” (Peirano 1995: 140), localmente situada, a disciplina não se furta à ambição teórica. Mariza propõe uma interpretação da antropologia a partir de sua *história teórica* e das diferentes *linhagens disciplinares* que a constituem, o que mostra a vocação ao mesmo tempo localmente ancorada e cosmopolita do seu pensamento – renovando dessa forma o projeto antropofágico do nosso modernismo, cujo lema criado por Mário de Andrade era, justamente, “do nacional ao universal”.

A importância do nacional e o compromisso ético-político com a responsabilidade social por parte dos cientistas sociais, os nativos de sua pesquisa de doutorado, conduziu à tese da centralidade de valores e ideias ligados ao projeto de nation-building na constituição das ciências sociais no Brasil, na década de 30. De lá para cá, a Antropologia no país diversificou seus temas, interesses, áreas e contextos de pesquisa. Houve quem tenha sugerido

ter o paradigma da construção da nação encontrado o seu limite explicativo, entre outras razões porque supostamente viveríamos hoje numa democracia consolidada (Velho, 2008). Tragicamente, o tempo mostrou o engano dessa proposição.

O desafio político da democratização, como outros tantos dilemas coletivos da sociedade brasileira, realça a relevância e atualidade das análises de Mariza. As ciências sociais, como toda ciência, não se constituem num vazio social, a legitimação do seu papel, atualmente tão questionado, supõe que sejamos capazes de defrontar intelectualmente os problemas colocados pelos colossais desafios que a sociedade brasileira enfrenta para manter-se com estatuto próprio no chamado concerto das nações, além da inarredável, urgente e hercúlea tarefa de fazer face ao desafio das abissais desigualdades, do estrutural desrespeito às diferenças, do histórico entulho autoritário que constroem nossa existência social. Para tanto e para além dos compromissos éticos e políticos que historicamente guiaram os cientistas sociais brasileiros e das renovadas demandas de legitimação do seu ofício, acredito que a garantia do reconhecimento internacional conquistado pela produção no país como uma antropologia com estilo próprio no âmbito de uma “antropologia no plural”, como defendido por Mariza, requer a renovação constante de suas linhagens e da sua história teórica particular.

A investigação da constituição social do conhecimento, em particular da Antropologia, conduziu seu pensamento, portanto, à compreensão da dupla valência da Antropologia, enquanto projeto de conhecimento profundamente marcado pelo local e contextual, sem abandonar a ambição teórica. Tal concepção da antropologia, salientada por uma escrita clara, cativa e impulsiona novos pesquisadores por ser um convite à etnografia e à apreciação do fazer antropológico ancorado na experiência concreta e singular, em diálogo com o vivido nos múltiplos encontros que a entretecem: com os interlocutores de campo e com os autores internalizados – não apenas antropólogos, como vimos. Uma etnografia é feita de multidão; e feita de vida, a vida única das pessoas e as muitas vidas da teoria.

Mariza ensina que teoria antropológica constrói-se em ação, na interlocução deliberada entre interpretações teóricas, categorias analíticas e a experiência concreta do trabalho de campo, – *lócus* antropológico de experimentação prático-teórica por excelência – , cada pesquisa devendo colocar em risco as proposições teóricas e as linhas interpretativas consagradas de maneira a propiciar sua renovação transformada. Nessa concepção, cada etnografia bem sucedida é uma recriação da teoria antropológica e tem nos fatos etnográficos – feitos do encontro da teoria nativa e da teoria social que constitui a bagagem do pesquisador – sua criação eminente.

A defesa do projeto antropológico como inerentemente etnográfico é uma tomada de posição teórica destacada na obra de Mariza, a ponto de ter em sua figura uma espécie de emblema. Ela se expressa em vários campos para além da teoria e percorre sua carreira intelectual como um todo: aparece analiticamente na antropologia da antropologia por ela empreendida em sua tese de doutorado; desdobra-se em sua continuada reflexão comparativa sobre a antropologia feita no Brasil e alhures; ressurgem em sua etnografia dos documentos e da constituição nacionalmente diferenciada da cidadania; estende-se ao exame dos modos de reprodução e transmissão da disciplina no país e também se manifesta, de maneira belamente coerente, na sala de aula como nos encontros de orientação.

Não me estenderei sobre essa dimensão tão importante da vida acadêmica, pois em outra ocasião e lugar já tive a oportunidade de mostrar a coerência entre a perspectiva da antropologia professada por Mariza e sua forma de ensinar. Aqui gostaria apenas de destacar além do valor inerente a essa coerência e a concepção especialmente dignificante do ensino que norteia sua prática, a generosidade que lhe é subjacente: ensinar antropologia deve ser também um encontro vivo feito entre cada estudante e as etnografias consagradas, permitindo-lhe construir sua própria linhagem teórica, seu próprio panteão sagrado de autores. Nesse mister Mariza sempre se empenhou em transmitir a disciplina através do exercício de uma leitura

também ela etnográfica, isto é, como um diálogo vívido e sem preconceitos com autores das mais distintas orientações teóricas, levando em conta os questionamentos por eles enfrentados em seu tempo, lugar e condição – portanto, uma leitura compreensiva e contextualizada. Cada autor e obra devia ser visto como inspiração, seja por suas conquistas etnográficas e teóricas, seja pelos limites e desafios não vencidos, que, exatamente por isso, permaneciam como um convite não formulado a prosseguir.

Não sendo possível abarcar a obra de uma vida em poucos minutos, e muito menos fazê-lo sem mutilar os meandros de formulações complexas, não posso deixar de mencionar que a influência de Mariza na Antropologia exerce-se por caminhos variados, além do fascínio que sua inspiradora formulação da etnografia provoca nos leitores e que cativa e guia os neófitos em pesquisas as mais diversas; não menos influente é a aproximação por ela feita entre eventos e rituais, que abre um leque de possibilidades de análises de fenômenos aparentemente corriqueiros; uma abordagem densamente desenvolvida e generosamente ofertada nos cursos de ritos sociais, que marcaram diferentes gerações de antropólogos, e inspiraram ricas análises etnográficas.

Igualmente relevante é a coordenação, junto com Moacir Palmeira (Museu Nacional-UFRJ) e César Barreira (UFC), do Núcleo de Antropologia da Política, um núcleo interinstitucional cujo projeto de pesquisa configura-se

pela perspectiva etnográfica e de dessubstancialização da política. Como Mariza menciona, a política passa a ser observada nos interstícios, de modo que o conceito de 'política' torna-se categoria a ser analisada através do reconhecimento de diferentes pontos de vistas nativos e das suas interseções com temas ou domínios tidos como dela distintos. É nessa chave que a pesquisa sobre documentos de identificação, já mencionada, passa a ser realizada.

Com o profícuo exemplo do NuAP me eximo de apresentar a série de interlocuções que Mariza cultivou, uma vez que desenvolveu atividades de docência e pesquisa em instituições como o Museu Nacional/UFRJ, a Unicamp, o Instituto Rio Branco, a Universidade de Columbia, o MIT e Harvard. Mariza foi agraciada com comendas, medalha e premios – diferentes distinções que testemunham o reconhecimento da relevância e expressão de sua obra e carreira. O seu apreço pelas múltiplas dimensões da profissão também se revela na participação em diferentes fóruns de debates e exercício de funções acadêmicas e de representação nas principais associações científicas e de fomento do país, como ABA ANPOCS, CAPES, CNPq, FINEP e FAPESP.

Eu gostaria de concluir indicando aspectos comumente pouco mencionados, mas que me parecem sumamente importantes: aquilo que o professor ensina

de maneira muda. Ao assim proceder, espero estar seguindo as lições de Mariza, sempre tão atenta à linguagem, pois a potência pragmática das palavras, para além da sua referencialidade, acompanha-se sempre do poder simbólico dos gestos, que perdura mesmo quando o moto da ação tenha se esgotado. Personalidade reservada, de palavras e gestos concisos e límpidos, como professora Mariza sempre mostrou atitudes de generosidade e respeito, sem ser complacente; rigor, sempre acompanhado de confiança e apoio à autonomia intelectual do estudante. Ao sentido democrático da liberdade dada para pensar e criar, Mariza soube acrescentar o papel pedagógico da hierarquia que o professor encarna, não como lugar de poder, mas como representante do terceiro, lugar movente do saber sempre em processo. Como se vê, a excelência acadêmica de Mariza não se deu às expensas de suas qualidades humanas, mas a partir delas.

Portanto, a vida profissional de Mariza Peirano é uma expressão de generosidade intelectual, responsabilidade ética e compromisso cidadão. A teoria vivida, título de um capítulo e que também intitula o livro mais recente de Mariza, não é apenas uma expressão cuja beleza alude à atenção à estética que marca a existência e a produção intelectual de Mariza; a teoria vivida sintetiza uma apreciação da etnografia e enriquece de sentidos a nossa compreensão da própria Antropologia e do ofício que ela gera, e em Mariza transborda dos textos para a sala de aula, da vida para as páginas, e revela a

argúcia percuciente do seu pensamento e a coerência na ação que caracterizam sua trajetória, e fazem dela uma obra de arte em perene recriação.

Com essas palavras eu encerro esta apresentação e expresso, Mariza, meu reconhecimento pessoal pelos ensinamentos que tenho recebido de você, assim como minha gratidão pelo apreço que me tem demonstrado por todos esses anos. Muito obrigada!